

Arnaldo Pinho

Não sendo eu crítico literário, nem sequer sendo, também, especialista em Hermenêutica poderia perguntar-se, logo à partida, a partir de quê vão ter a paciência de me ouvir.

Por isso, acho que o título mais honesto para esta despreziosa charla, seria o meu encontro com Sophia.

Tinha eu talvez vinte anos, quando me ofereceram, após um concurso, o Livro Sexto, na velha edição da Ática (1962). Logo a seguir comprei Geografia, também da Ática (1967). Foram para mim as obras fundadoras.

Depois vieram os Contos Exemplares, editados pela Portugália em 1970, com um prefácio de D. António Ferreira Gomes, escrito ainda no exílio, em Alba de Tormes. Logo à partida, impressionou-me a mim, educado no racionalismo tomista, o inciso de Novalis, presente nas edições da Ática: "A poesia é o autêntico real absoluto. Isto é o cerne da minha Filosofia. Quanto mais poético mais verdadeiro".

Na altura não conhecia ainda Heidegger. Viria a lê-lo e, mais ainda, a estudá-lo, um pouco mais tarde, nos anos 71 a 76, em que frequentei a Universidade de Estrasburgo. Pude então continuar a ler Sophia e a relê-la, munido de novos critérios, sobretudo conhecedor dos Ensaios e Conferências, publicados, no original, pela primeira vez, em 1954. Nascia então um encontro mais esclarecido, mas sempre muito pessoal. Afinal nunca deixei de ser apenas um leitor de Sophia.

Se no encontro inicial, o que vinha à nossa relação era a beleza da manhã, de que mantinha a memória de infância, manhãs de tantas cores e graças, que nos entrava pelos pés e pelas narinas, pelos cabelos e pelo rosto, ou os lugares onde os exílios se esquecem, os meus, a Floresta Negra, ou a planície da Alsácia, ou este povo, sem definição ainda, de reis ou escravos, não sabia bem, no segundo encontro com Sophia, o horizonte dilatava-se. Ganhava, para usar os termos de Gadamer, uma outra coincidência de horizontes.

Era agora, pela mão de Heidegger, sempre tão próximo dos gregos e nestes dos pré-socráticos, o apreciar duma memória antiga, mais vasta, a grande memória do Ocidente, obnubilada por séculos de racionalismo pedante e modernamente pela técnica, que desde Homero, esteve presente na cultura ocidental. Era a perspectiva da relação entre Poesia e Verdade, Poesia e Ética, que para Sophia, segundo o texto Arte Poética II, não era uma deriva, mas uma inclusão implicada, texto que começa assim: "A Poesia não me pede propriamente especialização, pois a sua arte é a arte do ser".

*Conferência proferida na Fundação Vera de Lima, Lisboa, Março de 2003.

A perspectiva da abordagem da verdade em Heidegger, como estado de não separação ou não alheamento, dera-me a chave ou melhor dera-me uma melhor percepção da insistência ética da poesia da autora, tão frequente e de tão variadas formas, mas presente de forma concisa e avisada, sobretudo no texto citado. Quando li o texto sobre a loja dos Barros, *Arte Poética I* (Ed. Antologia, Morais 1975), não pude deixar de comparar com o texto de Heidegger, "A coisa", onde o autor pegando na imagem comezinha duma Bilha, explora a sua razão de ser: é o que é em razão do que vai conter, ou seja do vinho que se derrama. E a terminar, afirma Heidegger, que hoje "reina o sem distância". E por isso resulta difícil a resposta à pergunta: o que é a proximidade? (p. 211). E como não encontrar esta coincidência de horizontes, ao ler a "Origem da obra de arte" de Heidegger e aquelas palavras em que se diz que a poesia ou a arte em geral, consiste em trazer as coisas à luz, à liberdade da luz e ao espanto da luz? ("Epidauró" - Geografia).

Para a poetisa, como para Heidegger, a proximidade é o reino mas, e só aquele que por si mesmo encontra e conquista, a aliança que cada um teçe" (*Arte Poética*, 1). Pois se um poeta diz obscuro, amplo, branco, pedra, é porque estas palavras nomeiam a visão do mundo, a sua ligação com as coisas" (*Arte Poética*, 2). E ainda, "sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real. Um poema foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro do real fica preso" (*Arte Poética*, 3).

Sempre me intrigou a pouca importância dada pela autora às pequenas pregas da subjectividade, a sua admiração pelo que caminha como o pescador, "sem pranto interior, sem introversão".

A resposta a esta intriga, minha naturalmente, resolveu-se pela positiva ou seja pela ausência, sobretudo nos Contos. E em certos poemas mais próximos do halo da tragédia, da separação ou do tempo dividido.

E desses poemas entre tragédia e invocação, que encontramos muito intensamente no *Tempo Dividido* (1954), onde o canto iondo, que lembra Garcia Lorca, reza que "numa noite sem lua o meu amor morreu/Homens sem nome levaram pela rua/Um corpo nu e morto que era o meu". Mas a autora promete também, resguardando-se, que "não fará do seu remorso um canto".

Aos sentimentos que sempre soube resguardar e as entrevistas são disso prova, prefere ficar-se pela biografia, a única que traçou de si, muito cedo, num poema que leva o nome de *Biografia*: "Tive amigos que morriam, outros que partiam! Outros quebravam o seu rosto contra o tempo./Odiei o que era fácil/procurei-me na luz, no mar, no vento".

Parece que a harmonia da menina do mar se esbate nesta recolha de poemas, de uma grande densidade humana, a que *O Cristo Cigano* (1961) dá uma resposta, ainda em

tom trágico
esquinas, e
Ignoro que
onde há qu
ficar nos g
Cigano, e se
a harmonia
coração do

Todavia, co
a melhor el
mento do r
Esta combi
gédia, bem
parece fech
conhecime
sas, como s
meiro surp
Estamos a t
A busca da
"A beleza d
Mas eu sei d
a forma, o s
E texto qua
coisas. Nun
até encontr
do o branco
E ainda ac
quando di
gos finos e
veemente
dois junto
eu passar l
Esta adivin
no plano q
na linha d
tual numa

tom trágico, um Cristo procurado como resposta, em todas as solidões, em todas as esquinas, em todas as paredes.

Ignoro que tragédias pessoais estarão na repentina paragem, numa espécie de vórtice, onde há que escolher se se trata de nomear, laboriosamente, a transcendência, ou de ficar nos gritos da tragédia. Para mim a nomeação da transcendência em Cristo Cigano, é seguida de considerações sobre a Ressurreição, em Livro Sexto (1962) onde a harmonia grega parece prolongar-se na esperança e no imperativo de “tomar claro o coração do homem/ E erguer a negra exactidão da cruz/ Na luz branca de Creta”.

Todavia, como fez o Bispo do Porto, pedia que me acompanhassem naquela que julgo a melhor chave para ler Sophia, e que seria a consideração da Poesia como conhecimento do real, ou seja da poesia como ontologia.

Esta combinação entre uma firmeza de convicção, patente mesmo nas horas de tragédia, bem visíveis e as derivas dos humanos em suas figuras de graça e esperança, parece fechar a porta a todo o esteticismo, apontando como um plano e um nível de conhecimento e intuição que não tira de si mesmo o que depois espalha sobre as coisas; como se a poesia e a arte em geral, espalhasse sobre as coisas um segredo que primeiro surpreendeu nelas em correspondências sem fim.

Estamos a falar então apenas do realismo das coisas, ou dum realismo transcendental? A busca da totalidade que convém ao real, é uma intencionalidade omnipresente: “A beleza da ânfora de barro pálido é tão evidente, tão certa, que não pode ser descrita. Mas eu sei que a palavra beleza não é nada, sei que a beleza não existe em si, mas é o rosto, a forma, o sinal duma verdade da qual ela não pode ser separada” (Arte Poética I).

Este texto quase iniciático intitulado Caminho da manhã termina assim: “Caminha rente às coisas. Num dos teus ombros pousarás a mão da sombra no outro a mão do sol. Caminha até encontrares uma Igreja alta e quadrada lá dentro ficarás ajoelhado na penumbra olhando o branco das paredes e o brilho dos azulejos. Aí encontrarás o silêncio”.

E ainda aquele texto de Búzio de Cós, que me faz lembrar a pintura de Chagall, quando diz, num poema intitulado Goa: “Bela, jovem, toda branca/A vaca tinha longos finos cornos/Afastados como as hastes da cítara/E pintados/Um de azul outro de veemente cor de rosa/E um deus adolescente atento e grave a guiava/Passavam os dois junto aos altos coqueiros/E ante a Igreja barroca também ela toda branca/E em eu passar luziam/Os múltiplos e austeros sinais de alegria”.

Esta adivinhação do espiritual no sensível, é talvez o traço definitivo da Poesia, vista no plano onde, agora nos colocamos. E que coloca a poesia, não na linha do saber, mas na linha do fazer, segundo o radical grego *poiéw*. A ordem dos saberes capta o espiritual numa ideia, mas a ordem dos *fazer*es, entrevê o espiritual na carne (palavra), pela

excitação dos sentidos; uma contempla o seu bem nas ideias claras e distintas, ou universais como queiram, a outra em todos os cruzamentos do contingente, sejam eles história, memória ou figuras. Como descreve: "Aí se levantará como um canto o teu amor pelas coisas visíveis que é a forma de oração em frente do Deus invisível".

A Metafísica racionalista ou a técnica, capta as essências abstractas, mas a poesia capta, em todos os reflexos, o estrelejar duma ordem invisível, a primeira manobra o mistério, a poesia isola-o para o conhecer.

São muito variados os tópicos de Sophia, o que lhe dá a pensar. Mas as representações ou cenários que vai traçando, à luz de vários sóis, não faz perder nunca de vista uma espécie de intencionalidade persistente e mesma nascida duma intensa interioridade. A poesia de Sophia é uma colecção de fulgurações.

Vista assim a combinação entre imagens e figuras clássicas e cristãs pode ajudar-nos a fazer uma síntese lá onde leitores superficiais apenas vêem uma separação. Todavia convém não esquecer que o Catolicismo, nos seus melhores momentos de representação (no Renascimento, por exemplo) fez jus a uma representação peltórica e utilizou os motivos e os esquemas do mundo pagão. Será necessário separar em Sophia o pagão e o cristão, por um qualquer puritanismo, ou por um qualquer racionalismo, seja ele iluminista?

Passando pela exterioridade sem medo de perda de interioridade, como toda a grande arte, não temendo assumir a memória do Ocidente em seus medos, aporias e mesmo devaneios, a poesia de Sophia percorre também as derivas da cultura, não raro com ironia ou imprecação, fazendo apelo, para utilizar as palavras de George Steiner, às esquecidas presenças reais.

Observa Steiner que a grande poesia está animada por ritos de reconhecimento. Ulisses procede de reconhecimento em reconhecimento numa viagem até ao eu que é Ítaca. Dante reconhece a voz de Bruneto Latini no fumo fantasmagórico. Titania é mal achada à luz da lua. Por seu lado, continuo a seguir Steiner, o pensamento e a prática religiosas fazem metáforas, imagens narrativas, do chamamento da psique humana com a alteridade absoluta, com o carácter alienante do mal ou o mais profundo alheamento da graça.

Se por um lado temos que sublinhar em Sophia uma espécie de tarefa de reconhecimento do terreno que vai das formas humanas da hipocrisia, o abutre, o Bispo que vende o padre, o sarcástico retrato de Mónica que, "para ser o que é teve que renunciar a três coisas: à poesia, ao amor e à santidade", não podemos deixar de sublinhar também o apelo ao carácter genesiaco da experiência humana, que uma cultura empobrecida tomou quase inacessível.

Muito ciente desta queda da cultura, pronunciar-se-á Sophia, em pequenos textos sobre

o luxo e sobri-
terá a cora-
mente de ac-
é evidente q-
E continuar
dral gótica e
reuniam. O
Finalmente
mos é quase
À ordem do
douta musi-
neado no po-
parecia criad-
Caminhanu-
venções assa-
Senhor que
Tudo isto nã-
to ao rosto e
povos esfaim-
generalizada
Uma palavra
Sem dúvida
As suas tradi-
mais do que
ignorância d-
sas", como d-
Os encontro
A presença q-
idades de po-
Contra a equ-
"pretexto". C-
importância
Tirada do re-
enorme riqu-
ridade. da rei-
Em concreto
dizer. estimu-

o luxo e sobre o ridículo lançado sobre algumas instituições por grupos marginais. Mas terá a coragem de dizer que “falando em termos puramente culturais, independentemente de acreditarmos nesta ou naquela religião, ou de não acreditarmos em nenhuma, é evidente que a crise cultural do nosso tempo está ligada à ausência de sagrado”.

E continuará afirmando que na nossa época “não existe nada de semelhante à catedral gótica ou ao templo de Olímpia que falavam a um povo inteiro, o educavam, o reuniam. O culto era um poema posto em comum”.

Finalmente dirá, sem rebuços: “Hoje apesar de tantas experiências, a arte que criamos é quase sempre uma arte separada da comunidade”.

À ordem do conformismo reinante e distraído opõe às Ménades que dançam ao som doutra música; (Musa 1994) tema já bastante importante em *Ilhás* e tão bem delineado no poema *Descobrimento*: “Saudavam com alvoroço as coisas novas/O mundo parecia criado essa mesma manhã”.

Caminhamos no trilho de elaboradas percas, dirá, pensando seguramente nas convenções assassinas com que nos habituamos a viver, dos quais para si, faz parte um Senhor que sempre adiou.

Tudo isto não impede de ver algum progresso: “O olhar humano tornou-se mais atento ao rosto de Cristo que está nos bairros de lata, nos campos de concentração, nos povos esfaimados do Sahel. O nosso tempo, confessa, contém uma consciência mais generalizada e mais aguda da nossa responsabilidade perante o sofrimento dos outros”.

Uma palavra final sobre a recepção da Poesia e em geral da obra poética de Sophia. Sem dúvida que Sophia tem uma larga divulgação e esta não deixará de aumentar. As suas traduções e sínteses em línguas estrangeiras, por mãos artesanais convictas, mais do que por publicidades enganosas, têm aumentado. Isto a par duma espécie de ignorância do seu grito, no que ele tem, de “selo de aliança dos homem com as coisas”, como dirá.

Os encontros devem decifrar-se. As presenças são significativas.

A presença ou o encontro de Sophia com muitos de nós, dependem das nossas capacidades de pertença, encontro, visão, desejo, ou aliança ética e abrangente com o real. Contra a equação entre texto e comentário, que faz da criação estética um simples “pretexto”, George Steiner crê poder afirmar a força doutros termos de encontro, a importância da “cortesia”.

Tirada do romance cristão e da força do amor cortês, transporta esta palavra uma enorme riqueza de associações: fala do cavalheiresco, das cobardias secretas da sinceridade, da reticência sob a pressão da revelação.

Em concreto, afirma Steiner, que aqui sigo, a fenomenologia da cortesia organiza, quer dizer, estimula a vida articulada, o nosso encontro com o outro, com a pessoa amada,

o adversário, o familiar ou o estranho. Organiza numa árvore de significações, os encontros só parcialmente percebidos entre eus conscientes e subconscientes, e esses encontros que têm lugar nos espaços iluminados da conduta social, política e moral. Classicamente, onde os ramos e as folhas de nossa árvore são mais altas, a cortesia descobre a última emboscada ou o chamamento final que é a vida possível -- o advento a um lugar -- de Deus.

Nestas sequências entretecidas, há cortesias com a morte, a tragédia, o desengano, mas há sobretudo, quiçá, a intuição moral e o problema da nossa experimentação e compreensão da forma significativa.

Que ritos, escutas e silêncios temos de exercitar para ouvir esta voz, descontente de todas as moradas, que é Sophia?

Nunca acolheremos suficientemente sobre a pessoa que refazendo figuras e formas chega ao umbral da nossa casa, na música ou na poesia.

Mas para conhecer este estrangeiro, serão suficientes, os modos de compreensão, as sintaxes, ou as desconstruções da escrita? Ou deveríamos concentrar-nos como na leitura de Homero no texto (no prazer do texto, diria Barthes) que diante de nós é apenas uma ética de sentido comum?

Anterior à sua recepção é texto, ou seja a emergência da aliança do homem com as coisas; a descoberta do absolutamente real. O que Sophia nos oferece, longamente articulado, como uma pintura de Vieira da Silva é texto.

*A dición não implica estar alegre ou triste
Mas dar minha voz à veemência das coisas
E fazer do mundo exterior substância da minha mente
Como quem devora o coração do leão.*

*Olha, fita escuta
Atenta para a caçada no quarto penumbroso.*

Arte poética, em O Búzio de Cós.

Estando aí o texto, o problema agora é todo de cortesia.